

LUZ DE ALEXANDRIA

Câmara de Estudos Maçônicos – A.:R.:L.:S.: Heráclito Victória Nº 3168



Aniversariantes de Outubro, Novembro e Dezembro

02/out Matheus Cipriani Machado
07/out Antônio A. Sostisso Regalin
08/out Tiago Elias Borssato
15/out Micael Jacoby
28/out Guilherme de Souza Iovino
04/nov Hermes Borges Machado
05/nov Larri Antônio Carlesso
07/nov Matheus Ganzer
08/nov Felipe de Mattos Alves
18/nov Ádson S. De Oliveira
19/nov Felipe Gubert Cruz
19/nov Gabriel A. Besteiro da Silva
19/nov Mário Luiz Benetti Junior
28/nov Ederson Suzin
28/nov Renato Celli
02/dez Adriano Lopes Parise
02/dez Yuri Nunes Pedrotti
06/dez Alexandre de Lavra Pinto
08/dez Marco Aurélio Madalosso
10/dez Andriago Felipe de Araújo
13/dez Laio A. P. Lamb da Silva
19/dez Gustavo Minetto
21/dez Gregory Delazeri
23/dez Fernando A. Souza
23/dez Gustavo Alves Mabília
31/dez Wilson Luiz De Marchi



COLUNA DO VENERÁVEL MESTRE

Saudações a todos os Irmãos!

Estamos chegando na reta final de mais um ano e o mês de novembro costuma ser uma referência natural para todas as pessoas, visto que antecede o período que todos estão ansiosos: DEZEMBRO! A maioria das pessoas quase não percebe a passagem do décimo primeiro mês, pois já estão planejando suas ceias de natal, a virada do ano e onde estarão durante as férias. Mas normalmente novembro é um dos principais meses na vida das pessoas: além de trazer três feriados (Finados, Proclamação da República e Consciência Negra), dentro de seus trinta dias. Novembro costuma ser o momento de soluções e decisões que tomamos.

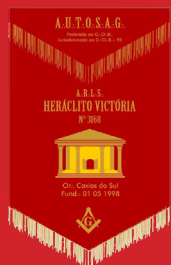
Literalmente ele marca a vida de muitos, pois temos, por exemplo, a realização do ENEM, exame que marca o destino de jovens e adultos, não só para um curso superior, mas, no caminho profissional e até de um novo local para residência. E não é diferente para aqueles que já exercem suas atividades laborais: novembro marca decisões corporativas que refletirão para o próximo ano, com abertura de novos mercados, encerramento de ciclos entre colaboradores e empregadores, ou mesmo fornecedor e cliente. No meio espiritual, novembro é o mês de reflexão e lembrança, trazendo um nível energético acima da média dos demais meses, o que muitas vezes potencializa as emoções de todos, proporcionando condutas extremas, para o bem ou para o mal. E mesmo assim, com a correria e ritmo do dia a dia, quase não percebemos a passagem de novembro em nossas vidas!

Assim, convido a todos os Irmãos para que façam uma reflexão quanto a forma como temencarado o “penúltimo mês”! Que consigamos aproveitar e extrair tudo de melhor que a energia deste período nos trás, irradiando luz e bons eflúvios ao Mundo!

Desejo a todos um bom Final de Ano e um mês de Novembro totalmente produtivo e positivo!

Um Fraterno Abraço a Todos!

Diego Monteiro
Venerável Mestre



A.:R.:L.:S.:

HERÁCLITO VICTÓRIA Nº3168

RITO BRASILEIRO
QUARTAS FEIRAS, 20H

RUA PAULINO BALBINOTTI, 385
FORQUETA - CAXIAS DO SUL RS

A CORDA DE 81 NÓS NA MAÇONARIA: ORIGEM, SIGNIFICADO E USO NO DIA A DIA

IR.: ANDRIGO DE ARAÚJO

A corda de 81 nós é um símbolo que aparece em certas tradições e rituais maçônicos. Apesar de não figurar entre os elementos mais conhecidos, carrega um significado ligado à fraternidade, à construção moral e aos limites ritualísticos. O objetivo deste trabalho é apresentar sua origem histórica, analisar seu simbolismo e propor maneiras práticas de aplicar seus ensinamentos no cotidiano.

1 Origem da corda de 81 nós

Registros históricos indicam o uso de cordas com nós na Maçonaria desde o século XVIII. Um dos primeiros exemplos conhecidos menciona uma corda com 81 nós datada de 23 de agosto de 1773, aparecendo em documentos de Lojas da época. Cordas com nós não são exclusivas da Maçonaria: culturas antigas utilizavam esse recurso para medir terrenos, registrar quantidades ou marcar limites. Assim, é possível que a Ordem tenha incorporado um elemento já presente em tradições antigas, atribuindo-lhe significados simbólicos próprios.

2 O significado da corda de 81 nós na Maçonaria

2.1 O número 81

O número 81 resulta de 9×9 . Em diversas tradições esotéricas, o número nove representa conclusão, plenitude e encerramento de um ciclo. Dessa forma, 81 indica a intensificação dessa ideia: um ciclo completo elevado à sua expressão máxima.

2.2 A corda como símbolo de união

Dentro da Maçonaria, interpreta-se que cada nó representa um ato de fraternidade e compromisso. A corda, portanto, simboliza a força resultante da união entre os irmãos, reforçando a ideia de que o trabalho coletivo fortalece toda a Loja.

2.3 A corda como limite

Em algumas Lojas, a corda aparece representada na borda do Templo, delimitando simbolicamente o “mundo profano” e o “mundo sagrado”. Esse limite funciona como lembrança de que o espaço interno do Templo, físico e interior, deve ser preservado para reflexão, estudo e aperfeiçoamento moral.

3 Aplicações práticas no dia a dia

3.1 Fortalecimento dos laços pessoais

Cada nó pode ser interpretado como um gesto de fraternidade ou bondade diário. Pequenas ações positivas fortalecem os vínculos pessoais, criando “nós simbólicos” que estruturam relações mais sólidas.

3.2 Disciplina e constância

A construção de uma corda com 81 nós exige repetição, cadência e foco. Da mesma forma, o desenvolvimento pessoal depende de constância, estudo contínuo e revisão das próprias atitudes.

3.3 Construção do templo interior

Assim como a corda delimita o espaço sagrado, ela recorda a importância de criar limites internos. Momentos de introspecção, filtro de influências externas e autocuidado tornam-se essenciais para a manutenção do equilíbrio emocional e moral.

Conclusão

A corda de 81 nós representa união, disciplina e consciência dos limites que cercam o espaço interior do indivíduo. Seu ensinamento central mostra que a evolução moral e intelectual ocorre gradualmente, nó por nó, por meio de atitudes constantes e significativas. Ao aplicar esses princípios no cotidiano, cada pessoa fortalece seus vínculos e contribui para uma sociedade mais harmônica.

ORDENS PARAMAÇÔNICAS

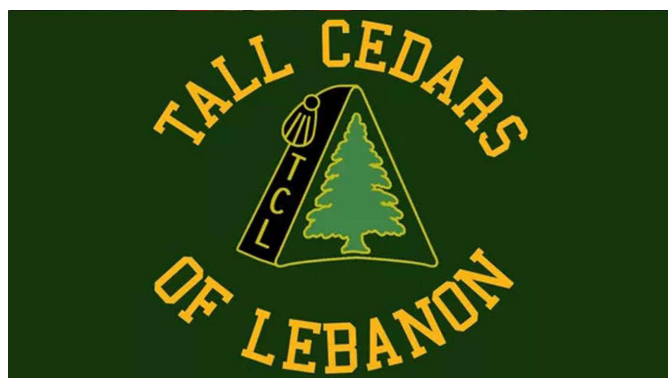
PARTE 1

IR.: WILLIAM DARIZ

Dando início a uma sequência de publicações sobre as Ordens Paramaçônicas, o texto em tela tem por objetivo apresentar, em caráter de introdução, duas instituições amplamente reconhecidas por sua relação histórica e simbólica com a Maçonaria, sendo elas: a Tall Cedars of Lebanon e a Shriners International. Por ser profissional da área da saúde, escolhi iniciar esta série destacando essas duas ordens em razão de sua forte associação com hospitais, programas assistenciais e instituições de cuidado que, ao longo dos anos, impactaram positivamente inúmeras pessoas.

Nesta e nas próximas publicações, esta série abordará ordens que, embora não integrem formalmente a estrutura administrativa da maçonaria, compartilham dos mesmos princípios de fraternidade, ética, serviço e beneficência, entre outros, contribuindo para o aperfeiçoamento humano e para a prática ativa da solidariedade.

A Tall Cedars of Lebanon surgiu nos Estados Unidos, no final do século XIX, reunindo mestres maçons dispostos a fortalecer os vínculos de amizade e promover um convívio fraterno pautado no bom humor e no espírito de união. Seu nome remete aos célebres cedros do Líbano, árvores mencionadas nas sagradas escrituras como símbolos de firmeza, retidão e longevidade (qualidades que refletem o ideal moral cultivado pela Ordem). Embora possua um caráter mais leve, social e descontraído, a Tall Cedars of Lebanon está sustentada sobre os valores maçônicos, demonstrando que a alegria vivida com sinceridade, propósito e respeito também é uma forma legítima de construir fraternidade, e seus membros são facilmente reconhecidos pelo tradicional fez verde, que funciona como sinal distintivo e reforça o sentimento de pertencimento ao grupo.



A segunda paramaçônica aqui abordada, a Shriners International, fundada em 1870 por maçons norte-americanos, representa uma das expressões mais visíveis e admiradas da filantropia inspirada pelos princípios maçônicos, porque é responsável por uma das maiores e mais respeitadas redes hospitalares dedicadas ao atendimento gratuito de crianças acometidas por queimaduras, deficiências ortopédicas, problemas neuromusculares e diversas condições médicas complexas. Trata-se de uma obra humanitária de alcance mundial, sustentada por campanhas de arrecadação, doações e pelo trabalho contínuo de seus membros. Os Shriners distinguem-se pelo fez vermelho e pela defesa da convicção de que “o serviço ao próximo é a mais nobre demonstração da fraternidade” e seu exemplo reforça a capacidade da Maçonaria

e de suas ordens associadas em transformar ideais filosóficos em ações concretas, tangíveis e profundamente significativas.

Tanto os Cedros do Líbano (Tall Cedars of Lebanon) quanto os Shriners demonstram, cada um ao seu modo, como o ideal maçônico transcende os limites do templo e se materializa em iniciativas que promovem o bem coletivo e aliviam o sofrimento humano. Essas ordens ressaltam que o verdadeiro trabalho maçônico não se limita ao estudo simbólico ou ritualístico, mas encontra sua expressão mais elevada no ato de servir, com alegria, humildade e dedicação, aqueles que mais necessitam.



Assim, nas próximas edições, daremos continuidade a esta série, fornecendo uma visão ampla sobre o papel dessas instituições que, embora externas à organização maçônica, contribuem de maneira essencial para a difusão dos valores universais que norteiam a Arte Real.

MEMENTO MORI E A MORTE DO MAÇOM

IR.: ANDRÉ DALATHÉA



A tradução literal da expressão latina Memento Mori é “lembra-te de que morrerás”. À primeira vista, pode parecer uma advertência sombria ou até melancólica. No entanto, dentro do contexto iniciático, ela assume um significado profundamente libertador. O homem que recorda a brevidade da vida passa a compreender o valor do tempo, a importância das virtudes e o dever de bem aproveitar cada instante que lhe é concedido sob a luz do Supremo Arquiteto do Universo.

Ao longo da senda iniciática, o maçom morre simbolicamente para o mundo profano e renasce para uma nova vida, orientada pela busca da verdade e pela prática da virtude. Cada grau que percorremos representa um degrau nessa escalada interior. A morte simbólica, representada em nossos rituais, é a oportunidade de desprender-se do

ego, da vaidade e das ilusões passageiras, abrindo espaço para o renascimento do homem consciente e livre.

Mas quando um Maçom morre?

Biologicamente, quando o Grande Geômetra nos chama para o fim do plano material, mas filosoficamente falando, quando desperdiçamos a grande oportunidade dada pelo nosso padrinho, pelos nossos irmãos e pela nossa Loja.

Ao passar do tempo, muitos irmãos, que ganharam a Verdadeira Luz, que tiveram a oportunidade de serem recebidos e reconhecidos como irmãos, com o passar de meses, anos, começam a morrer para a Ordem. A morte maçônica toma conta de muitos.

Morre um maçom, ao faltar por faltar, com as mais pífias desculpas do “compromisso profano” começa a ser uma contante, esquecendo que nos tempos de rede social, ninguém está mais a salvo de ser descoberto. Morre um maçom, quando a maçonaria, antes interessante, dá espaço à “jantaria”, pois a sessão passou somente para o segundo plano, uma espécie de preâmbulo de um ágape. Morre um maçom, quando a caça de um diploma de Alto Grau ou de Ordem de Aperfeiçoamento, conta mais que o conhecimento e as lições morais, que são explicitadas para serem usadas no mundo profanos.

Morre o maçom, achando que Maçonaria é ajuntamento de auxílio mútuo, balcão de negócios ou de favores de irmãos que exercem as atividades que o beneficia. Morre um maçom, quando a mão levam só “bons eflúvios” ao hospitaleiro em sua coleta, mas ao sair do templo, o céu é o limite para excessos. Já morreu o maçom, que prefere ESTAR maçom, para ostentar o adesivo e os três pontos na assinatura e ter uma carteirinha, ao invés de ser maçom e se aprimorar social, cultural e espiritualmente.

Há tantas mortes que vemos dia após dia, sessão a sessão, mas como que por naturalidade, nossos olhos acostumam a essas mortes... Assim como o grau de aprendiz é dedicado a fraternidade humano, o de companheiro ao trabalho construtivo, o grau de Mestre Maçom ensina que a vida renasce da morte e aqui deixo a pergunta: é necessário morrer para a maçonaria? Meu irmão, eu vos afirmo, que sempre é possível renascer na Ordem. A Ordem Maçônica, diariamente, nos dá oportunidades a renascer, a sermos melhores homens, melhores pais, melhores como ser humano. Ela nos deu conhecimentos e ferramentas simbólicas para que possamos renascer, nos aperfeiçoar e ajudar o próximo.

Vais morrer meu irmão simplesmente ou está disposto a renascer para a tua loja, teus irmão ou para a Ordem?

A DIGNIDADE DE TODO TRABALHO: COMO O MAÇOM CONTRIBUI PELO EXEMPLO

IR.: EDUARDO GUERRA

A contribuição de um Maçom para a Ordem não é medida, de forma alguma, por sua profissão, cargo ou conta bancária no “mundo profano”. A Maçonaria se orgulha de ser uma instituição que nivela os homens por seus valores internos, não por suas posições externas.

Um Maçom que trabalha como coletor de lixo ou como porteiro de um edifício, contribui para a Organização exatamente da mesma forma que um Maçom que é médico, advogado, empresário ou professor:

1. Pela Dignidade do Trabalho Honesto

A Maçonaria exalta o trabalho como a ferramenta primordial de aperfeiçoamento. O coletor de lixo exerce uma das profissões mais essenciais para a saúde pública e o bem-estar coletivo. Da mesma forma, o porteiro exerce um trabalho que exige enorme responsabilidade, vigilância e honestidade para a segurança e harmonia de dezenas de famílias.

Ao realizarem seus trabalhos com honestidade, retidão e dedicação, eles estão, na prática, aplicando os princípios maçônicos de ser útil à pátria e à humanidade. Eles estão “polindo suas pedras brutas” através do seu esforço diário.

2. Pelo Exemplo Moral no Mundo Profano

A maior contribuição de qualquer Maçom é o seu comportamento fora da Loja.

Quando esses Irmãos tratam seus colegas de trabalho e o público com fraternidade e respeito, quando são bons pais, bons maridos, bons vizinhos e cidadãos exemplares, eles estão sendo “Maçons em ação”. Eles demonstram que os valores da Ordem não são apenas discursos filosóficos, mas princípios vivos que podem ser aplicados em qualquer contexto. Sua conduta ética no dia a dia é a forma mais poderosa de contribuir e de honrar a Organização.

3. Pela Igualdade Dentro da Loja

A Maçonaria é uma “escola de igualdade”. Um dos seus maiores propósitos é reunir homens que, de outra forma, talvez nunca se encontrassem, e colocá-los no mesmo nível.

Dentro da Loja, o coletor de lixo e o porteiro sentam-se ao lado do juiz, do industrial e do professor. O avental maçônico que eles vestem é o mesmo que o deles, simbolizando que ali, as distinções sociais não existem.

Suas presenças são a prova viva desse princípio de igualdade. Eles contribuem ensinando aos outros Irmãos, talvez de posições sociais mais elevadas, a virtude da humildade e o verdadeiro significado da fraternidade, que não vê cargos, apenas o coração do homem.

4. Pelo Trabalho Dentro da Loja

Como quaisquer outros Irmãos, eles contribuem participando das sessões, apresentando seus estudos filosóficos (suas “peças de arquitetura”), votando nas decisões da Loja e ajudando nas atividades filantrópicas. Suas inteligências e suas visões de mundo, forjadas por realidades de trabalho tão conectadas ao cotidiano da sociedade, são tão valiosas (e muitas vezes mais) quanto a de qualquer outro membro.

Em resumo: A Maçonaria não pergunta o que um homem faz para viver; ela pergunta como ele vive.

A contribuição desses Irmãos é imensa, pois eles representam o coração da filosofia maçônica: a de que o valor de um homem não está em seu título, mas em seu caráter.

O ALTRUÍSMO NA ERA DIGITAL

IR.: FELIPE GUBERT CRUZ

Se formos olhar para a história do dinheiro, provavelmente a palavra altruísmo nunca tenha aparecido relacionado à esse contexto, afinal, dinheiro normalmente é a materialização da individualidade.

Desde a época do escambo, onde fazíamos trocas de algo de valor nosso por algo de valor do próximo, precisávamos ter a capacidade de gerar algo útil para os outros, para assim termos um benefício próprio. Se eu queria carne, precisava trocar algo da minha produção com quem criava o gado por exemplo. Nesse sentido, o “dinheiro” - e suas mais variadas formas de representação - é uma “tradução objetiva” daquilo que cada um produz e entrega ao mundo. Assim, o acúmulo ou uso do dinheiro pode ser visto como uma extensão da individualidade.

Ao mesmo tempo, o dinheiro não existe isolado. Ele só tem valor porque todos aceitam utilizá-lo. Então, ainda que carregue a marca da individualidade (o que eu gero, crio, conquisto), ele é validado apenas dentro de um consenso coletivo.

É justamente nesse ponto de tensão entre o individual e o coletivo que surge uma das maiores inovações financeiras da era digital. Em 2008, no auge da crise econômica mundial, quando bancos quebravam e governos recorriam a resgates bilionários, a confiança no sistema financeiro tradicional se encontrava abalada. Nesse cenário, um personagem misterioso, Satoshi Nakamoto, apresenta ao mundo o Bitcoin - um sistema de dinheiro eletrônico ponto a ponto, descentralizado e baseado em regras matemáticas imutáveis.

O mais surpreendente, porém, não foi apenas a proposta tecnológica revolucionária, mas a motivação que a acompanhava.

Para entender esse contexto, é importante frisar que Satoshi Nakamoto é provavelmente um pseudônimo. Desde a concepção do Bitcoin em 2008 até os dias atuais onde ele é avaliado em mais de U\$ 100.000,00 a unidade, ninguém sabe a verdadeira identidade de Satoshi Nakamoto. Existem teorias de alguns indivíduos que possam ter sido, ou até mesmo grupos de pessoas.

Esse anonimato foi proposital. Existiram algumas tentativas de criar uma forma de dinheiro descentralizado antes do Bitcoin. Todos falharam por terem um “dono”. Um representante conhecido do público, e isso fazia com que os governos que detêm o poder sobre o dinheiro atualmente, tivessem poder de encerrar essas iniciativas de modo fácil.

Já no Bitcoin, ao não termos uma figura central conhecida, por termos ainda uma rede descentralizada praticamente imparável e incensurável, tivemos a primeira forma de dinheiro digital totalmente independente de bancos e entidades centralizadoras.

Dentro do contexto técnico do Bitcoin, qualquer pessoa com um computador conectado à internet poderia ser um participante dessa rede. Tornando praticamente impossível sua derrubada pelo grau de descentralização. Porém, no início com poucos participantes, era o próprio Satoshi Nakamoto que fornecia a maior parte do poder computacional para que as transações ocorressem, e com isso, ganhava também as recompensas por processar essas transações, todas pagas em Bitcoin.

Na época, o Bitcoin praticamente não tinha valor monetário. Era uma prova de conceito que começou a angariar adeptos. Até 2010, valia menos de U\$ 0,20 a unidade. Estima-se que Satoshi Nakamoto, enquanto esteve ativo na rede, juntou mais de 1 milhão de unidades de Bitcoin, sendo que 99% destes ainda estão intocados.

É aqui que a história começa a ficar interessante. Se temos um indivíduo que criou um sistema de dinheiro digital independente de bancos ou governos, que é praticamente imparável e incensurável, onde ele detém a maior parte das recompensas, por que ele desapareceu, e deixou tanto dinheiro para trás até hoje? Estamos falando em mais de 110 Bilhões de dólares.

Desde o início, o desaparecimento de Satoshi Nakamoto pareceu algo programado por ele mesmo. Desde o poder computacional que ele fornecia para a rede do Bitcoin que foi diminuindo conforme o poder de toda rede aumentava, até mesmo deixando os Bitcoins intocados, parecem uma ação premeditada.

Enquanto o dinheiro sempre foi expressão de individualidade, Nakamoto deu ao mundo um **presente de caráter altruísta**: abriu mão de qualquer centralização, não buscou reconhecimento pessoal e disponibilizou ao coletivo uma alternativa transparente, resistente à censura e independente de intermediários. O Bitcoin nasce, portanto, como um raro exemplo em que a materialização do valor deixa de ser apenas individual e se transforma em um ato de generosidade coletiva.

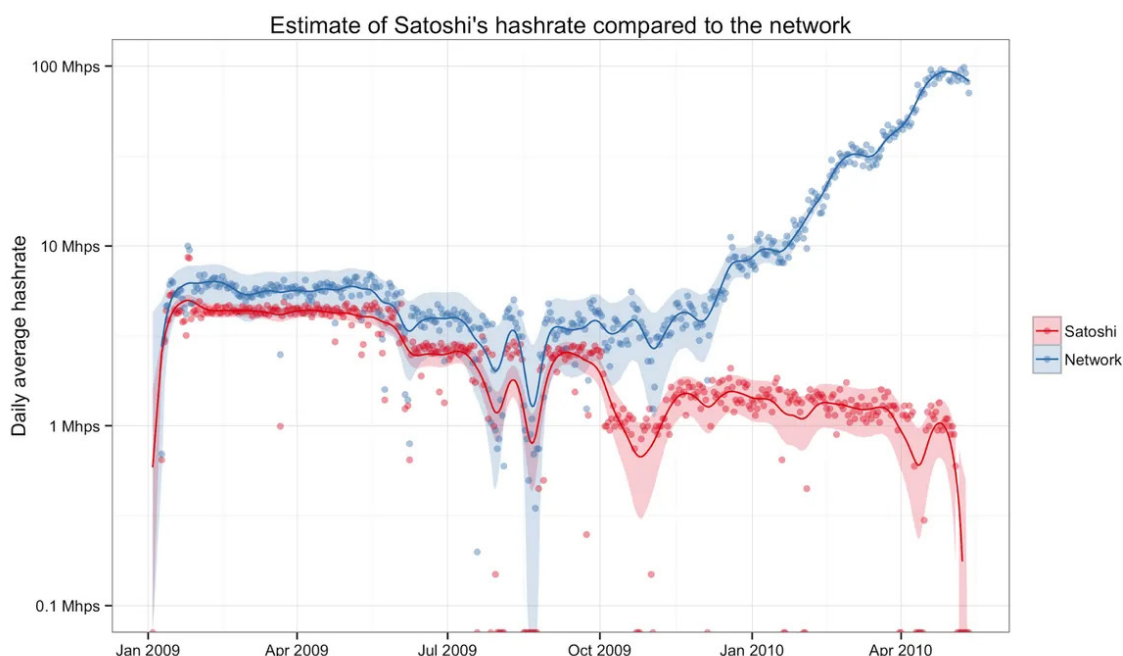
O altruísmo é a disposição de agir em benefício do outro, mesmo que isso implique custos ou sacrifícios pessoais. Em termos simples: colocar o bem-estar de alguém acima do próprio interesse imediato.

Nesse sentido, o altruísmo de Satoshi Nakamoto não está apenas no gesto de desaparecer, mas em ter confiado ao coletivo aquilo que poderia ter sido sua maior fonte de poder individual. Se o dinheiro sempre traduziu a individualidade, o Bitcoin surge como a materialização de uma nova possibilidade: a de que a riqueza pode nascer também de um ato de confiança, generosidade e fé no outro.

A história do dinheiro sempre foi escrita por quem buscava poder. Satoshi Nakamoto foi a exceção: renunciou ao poder que poderia ter exercido, abriu mão de fortunas inimagináveis e, em silêncio, deixou para a humanidade um experimento vivo de liberdade financeira. O altruísmo aqui não é apenas filosófico, mas prático — o preço pago pelo anonimato e pela renúncia transformou-se na garantia de que o Bitcoin não teria um único dono.

Assim como na Maçonaria aprendemos que o verdadeiro valor não está na posse, mas no uso que fazemos do que nos é confiado, Satoshi Nakamoto demonstrou, em sua obra, virtudes que ecoam diretamente no espírito maçônico. Sua **Sabedoria** esteve em conceber um sistema inovador capaz de resistir ao tempo e ao poder centralizado; sua **Força**, em sustentar o projeto nos primeiros anos, até que a rede estivesse madura; e sua **Beleza**, em desaparecer, deixando que o coletivo fosse o guardião da obra.

Mais do que um ato técnico ou econômico, sua entrega foi moral: um exemplo de **desprendimento**, altruísmo e fraternidade universal. Ao abrir mão da glória pessoal e da riqueza inimaginável que poderia ter reivindicado, Satoshi nos lembra que as maiores construções da humanidade não são erguidas pela busca egoísta de poder, mas pelo compromisso silencioso de servir ao próximo.



O poder computacional de Satoshi (vermelho) vs toda rede

MAÇONARIA E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

IIR.: DANIEL SOZO E JOSUÉ LINS

Apesar do muito material documental existente, pouco se publica sobre o papel importante, decisivo e histórico que a Maçonaria, como Instituição, teve nos factos que precipitaram a Proclamação da Independência. Deixar de divulgá-los, é ocultar a verdade e consequentemente ocorrer no erro da omissão, que nem a História e nem o tempo perdoam, principalmente para com aqueles nossos irmãos, brava gente brasileira, que acreditavam, ou ainda mais, tinha como ideal de vida a Independência da Pátria tão amada.

O objectivo principal, sem dúvida nenhuma, da criação do Grande Oriente foi envolver a Maçonaria na luta pela independência política do Brasil... Desde sua descoberta em 1500, o Brasil foi uma colónia Portuguesa, sendo explorada desde então pela sua metrópole; não tinha, portanto, liberdade económica, liberdade administrativa, e muito menos liberdade política. Como a exploração metropolitana era excessiva e os colonos não tinham o direito de protestar, cresceu o descontentamento dos brasileiros. Iniciam-se então as rebeliões conhecidas pelo nome de Movimentos Nativistas, quando ainda não se pensava na separação entre Portugal e Brasil. Estampava-se em nosso País o ideal da liberdade. A primeira delas foi a Revolta de Beckman em 1684, no Maranhão. No início do século XVIII, com o desenvolvimento económico e intelectual da colónia, alguns grupos pensaram na independência política do Brasil, de forma que os brasileiros pudessem decidir sobre seu próprio destino. Ocorreram, então, a Inconfidência Mineira (1789) que marcou a história pela tempera dos seus seguidores; depois a Conjuração Baiana (1798) e a Revolução Pernambucana (1817), todas elas duramente reprimidas pelas autoridades portuguesas. Em todos estes movimentos a Maçonaria esteve presente através das Lojas Maçónicas e Sociedades Secretas já existentes, de carácter maçónico tais como: Cavaleiros das Luz na Baía e Areópago de Itambé na divisa da Paraíba e Pernambuco, bem como pelas acções individuais ou de grupos de maçons.

Início do século XIX, ano de 1808 – D. João e toda família real, refugiam-se no Brasil na sequência da invasão e dominação de Portugal por tropas francesas, encetadas pelo jugo napoleónico. Este facto trouxe um notável progresso para a colónia, pois esta passou a ter uma organização administrativa idêntica à de um Estado independente. D. João assina o decreto da Abertura dos Portos, que extinguiu o monopólio português sobre o comércio brasileiro. O Brasil começa a adquirir condições para ter uma vida política independente de Portugal, porém sob o aspecto económico, passa a ser cada vez mais controlado pelo capitalismo inglês.

Ano de 1810 – Ocorre a expulsão dos franceses por tropas inglesas, que passam a governar Portugal com o consentimento de D. João.

Ano de 1815 – D. João, adoptando medidas progressistas, põe fim à situação colonial do Brasil, criando o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve.

Ano de 1820 – Cansados da dominação e da decadência económica do país, os portugueses iniciam uma revolução na cidade do Porto culminando com a expulsão dos ingleses. Estabelecem um governo temporário, adoptam uma constituição provisória e impõem sérias exigências a João (agora já com o título de rei e o nome de D. João VI), ou seja:

- Aceitação da constituição elaborada pelas cortes,
- Nomeação para o ministério e cargos públicos,
- A sua volta imediata para Portugal. Com receio de perder o trono e sem outra alternativa, face às exigências da Corte (Parlamento português), D. João VI regressa a Lisboa (Portugal) em 26 de Abril de 1821, deixando como Príncipe Herdeiro, nomeado Regente do Brasil pelo Decreto de 22 de Abril de 1821, o primogénito com então 21 anos de idade – PEDRO DE ALCANTARA FRANCISCO ANTÓNIO JOÃO CARLOS XAVIER DE PAULA MIGUEL RAFAEL JOAQUIM JOSÉ GONZAGA PASCOAL CIPRIANO SERAFIM DE BRAGANÇA E BURBON.

O Príncipe D. Pedro, jovem e voluntarioso, aqui permanece, não sozinho pois viu-se logo envolvido por todos os lados por homens de bem, Maçons, que constituíam a elite pensante e económica da época. Apesar de ver ser aceites suas reivindicações, os revolucionários portugueses não estavam satisfeitos. As cortes de Portugal estavam preocupadas com

as perdas das riquezas naturais do Brasil e previam a sua emancipação, como ocorria noutros outros países sul-americanos⁹. Dois decretos de 1821 (124 e 125) emitido pelas Cortes Gerais portuguesas, são editados na tentativa de submeter e inibir os movimentos no Brasil. Um reduzia o Brasil da posição de Reino Unido à antiga condição de colónia, com a dissolução da união brasílico-lusa, o que seria um retrocesso, o outro, considerando a permanência de D. Pedro desnecessária em nossa terra, decretava a sua volta imediata.

Os brasileiros reagiram contra os decretos através de um forte discurso do Maçon Cipriano José Barata, denunciando a trama contra o Brasil. O Maçon, José Joaquim da Rocha, funda na sua própria casa o Clube da Resistência, depois transformado no Clube da Independência. Verdadeiras reuniões maçónicas ocorrem na casa de Rocha ou na cela de Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio, Frei Sampaio, no convento de Santo António, evitando a vigilância da polícia.

Várias providências foram tomadas, tais como:

- Consultar D. Pedro;
- Convidar o Irmão, Maçom, José Clemente Pereira, Presidente do Senado a aderir ao movimento e
- Enviar emissários aos maçons de São Paulo e Minas Gerais.

Surge o jornal, “Revérbero Constitucional Fluminense”, redigido por Gonçalves Ledo e pelo Cónego Januário, que circulou de 11 de Setembro de 1821 a 08 de Outubro de 1822, e que teve a mais extraordinária influência no movimento libertador, pois contribuiu para a formação de uma consciência brasileira, despertando a alma da nacionalidade. Posteriormente a 29 de Julho de 1822 passa a ser editado o jornal “Regulador Brasílico-Luso”, depois denominado, “Regulador Brasileiro”, redigido pelo Frei Sampaio, que marcou também sua presença e actuação no movimento emancipador brasileiro.

Na representação dos paulistas, de 24 de Dezembro de 1821, redigida pelo Maçon José Bonifácio de Andrade e Silva, pode-se ler o seguinte registo: “É impossível que os habitantes do Brasil, que forem honrados e se prezarem de ser homens, possam consentir em tais absurdos e despotismo... V. Alteza Real deve ficar no Brasil, quaisquer que sejam os projectos das Cortes Constituintes, não só para o nosso bem geral, mas até para a independência e prosperidade futura do mesmo. Se V. Alteza Real estiver (o que não é crível) deslumbrado pelo indecoroso decreto de 29 de Setembro, além de perder para o mundo a dignidade de homem e de príncipe, tornando-se escravo de um pequeno grupo de desorganizadores, terá que responder, perante o céu, pelo rio de sangue que, decerto, vai correr pelo Brasil com a sua ausência...”.

09 de Janeiro de 1822 – Na sala do trono e interpretando o pensamento geral, cristalizado nos manifestos dos fluminenses e dos paulistas e no trabalho de aliciamento dos mineiros, o Maçon José Clemente Pereira, presidente do Senado da Câmara, antes de ler a representação, pronunciou inflamado e contundente discurso pedindo para que o Príncipe Regente Permanecesse no Brasil. Após ouvir atentamente, o Príncipe responde: “estou pronto, diga ao povo que fico”. A alusão às hostes maçónicas era explícita e D. Pedro conheceu-lhe a força e a influência, entendendo o recado e permanecendo no Brasil. Este episódio, conhecido como o Dia do Fico, marcou a primeira adesão pública de D. Pedro a uma causa brasileira.

13 de Maio de 1822 – os Maçons fluminenses, sob a liderança de Joaquim Gonçalves Ledo, e por proposta do brigadeiro Domingos Alves Munis Barreto, resolviam outorgar ao Príncipe Regente o título de Defensor Perpétuo do Brasil, oferecido pela Maçonaria e pelo Senado. Ainda em Maio de 1822, aconselhado pelo então seu primeiro-ministro das pastas do Reino e de Estrangeiros, o Maçon José Bonifácio de Andrade e Silva, D. Pedro assina o Decreto do Cumpra-se, segundo o que só vigorariam no Brasil as Leis das Cortes portuguesas que recebessem o cumpra-se do príncipe regente.

02 de Junho de 1822 – em audiência com D. Pedro, o Irmão José Clemente Pereira leu o discurso redigido pelos Maçons Joaquim Gonçalves Ledo e Januário Barbosa, que explanavam a necessidade de uma Constituinte. D. Pedro comunica a D. João VI que o Brasil deveria ter suas Cortes. Desta forma, convoca a Assembleia Constituinte para elaborar uma Constituição mais adequada ao Brasil. Era outro passo importante em direcção à independência.

17 de Junho de 1822 – A Loja Maçónica, “Comércio e Artes na Idade do Ouro” em sessão memorável, resolve criar mais duas Lojas pelo desdobramento de seu quadro de Obreiros, através de sorteio, surgindo assim as Lojas “Esperança de Niterói” e “União e Tranquilidade”, constituindo-se nas três Lojas Metropolitanas e possibilitando a criação do “Grande Oriente Brasílico ou Brasileiro”, que depois viria a ser denominado de “Grande Oriente do Brasil”. José Bonifácio de Andrade e Silva (O Patriarca da Independência) é eleito primeiro Grão-Mestre, tendo Joaquim Gonçalves Ledo como 1º Vigilante e o Padre Januário da Cunha Barbosa como Grande Orador.

O Objectivo principal da criação do GOB foi de envolver a Maçonaria como Instituição, na luta pela independência política do Brasil, conforme consta de forma explícita das primeiras actas das primeiras reuniões, onde só se admitia para iniciação e filiação nas suas Lojas, pessoas que se comprometessem com o ideal da independência do Brasil.

02 de Agosto de 1822 – Por proposta de José Bonifácio, é iniciado o Príncipe Regente, D. Pedro, adoptando o nome histórico de

Guatimozim ultimo imperador Asteca morto em 1522), e passa a fazer parte do Quadro de Obreiros da Loja Comércio e Artes. 05 de Agosto de 1822 – Por proposta de Joaquim Gonçalves Ledo, que ocupava a presidência dos trabalhos, foi aprovada a exaltação ao grau de Mestre Maçon que possibilitou, posteriormente, em 04 de Outubro de 1822, numa jogada política de Ledo, o Imperador ser eleito e empossado no cargo de Grão-Mestre, do GOB. Porém, foi no mês de Agosto de 1822 que o Príncipe, agora Maçon, tomou a medida mais dura em relação a Portugal, ao declarar inimigas as tropas portuguesas que desembarcassem no Brasil sem o seu consentimento. Em 14 de Agosto parte em viagem, com o propósito de apaziguar os descontentes em São Paulo, acompanhado do seu confidente, Padre Belchior Pinheiro de Oliveira e de uma pequena comitiva. Faz a viagem pausadamente, percorrendo em 10 dias, 96 léguas entre Rio e São Paulo. Em Lorena, a 19 de Agosto, emite o decreto dissolvendo o governo provisório de São Paulo. No dia 25 de Agosto chega a São Paulo sob salva de artilharia, repiques de sino, girândolas e foguetes, hospedando-se no Colégio dos Jesuítas. De São Paulo dirige-se para Santos em 5 de Setembro de 1822, de onde regressou na madrugada de 7 de Setembro. Encontrava-se na colina do Ipiranga, às margens de um riacho, quando foi surpreendido pelo Major Antônio Gomes Cordeiro e pelo ajudante Paulo Bregaro, correios da corte, que lhes traziam notícias enviadas com urgência pelo seu primeiro ministro José Bonifácio. D. Pedro, após tomar conhecimento dos conteúdos das cartas e das notícias trazidas pelos emissários, pronunciou as seguintes palavras: “As Cortes perseguem-me, chamam-me com desprezo, rapazinho e brasileiro. Verão agora quanto vale o rapazinho. De hoje em diante estão quebradas as nossas relações; nada mais quero do governo português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal”.

A independência do Brasil foi realizada à sombra da acácia, cuja raízes prepararam o terreno para isto. A Maçonaria teve a maior parte das responsabilidades nos acontecimentos literários. Não há como negar o papel preponderante desta instituição maçônica na emancipação política do Brasil. Desde 1815 com a fundação da Loja Maçônica Comércio e Arte, que daria origem as Lojas União e Tranquilidade e Esperança de Niterói e a posterior constituição do Grande Oriente do Brasil em 17 de Junho de 1822, o ideal de independência estava presente entre os seus membros e contagiava os brasileiros. À frente do movimento, enérgica e vivaz, achavam-se a Maçonaria e os Maçons. Entre seus principais Obreiros, pedreiros livres, de primeira hora podemos destacar:

- Joaquim Gonçalves Ledo,
- José Bonifácio da Andrade e Silva,
- José Clemente Pereira,
- Cónego Januário da Cunha Barbosa,
- José Joaquim da Rocha,
- Padre Belchior Pinheiro de Oliveira,
- Felisberto Caldeira Brant,
- Bispo Silva Coutinho,
- Jacinto Furtado de Mendonça,
- Martim Francisco,
- Monsenhor Muniz Tavares,
- Evaristo da Veiga Muitos outros...



Faz-se necessário também realçar a figura do personagem que se destacou durante todo o movimento articulado e trabalhado pela Maçonaria, o Príncipe Regente, D. Pedro. Iniciado Maçon na forma regular prescrita na liturgia e nos rituais maçônicos, e nesta condição de pedreiro livre no grau de Mestre Maçon, aos 24 anos de idade, proclama no dia 07 de Setembro a INDEPENDÊNCIA do Brasil.

Posteriormente, no dia 04 de Outubro de 1822, D. Pedro comparece ao Grande Oriente do Brasil e toma posse no cargo de Grão-Mestre, sendo na oportunidade aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. No mesmo dia, Joaquim Gonçalves Ledo, redigiu uma nota patriótica ao povo Brasileiro, a primeira divulgação, depois da independência, que dizia: “Cidadãos! A Liberdade identificou-se com o terreno; a natureza nos grita Independência; a razão nos insinua; a justiça o determina; a glória o pede; resistir-lhe é crime, hesitar é dos covardes, somos homens, somos Brasileiros. Independência ou Morte! Eis o grito de honra, eis o brado nacional...”

Fonte: Adaptado de publicação em Loja de Perfeição Estrela de Brasília

RITOS PRATICADOS PELAS POTÊNCIAS MAÇÔNICAS NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

IR.: CRISTIAN RIZZARDI

Os ritos maçônicos, como os conhecemos hoje, são relativamente “novos”. Os ritos mais antigos praticados até hoje (DA FORMA COMO OS CONHECEMOS) datam entre 1700 e 1870. Porém, a maçonaria ancestral já trabalhava em sistemas ritualísticos inominados, com registros físicos e comprovados de 1356 em Londres e 1590 em Edimburgo, Escócia.

Os ritos iluministas provindos da França (Adonhiramita, REAA, RER, Moderno) e Alemanha (Rito da Estrita Observância Templária e Schroeder), conquistaram a simpatia dos maçons no mundo inteiro. O Rito de York Americano, altamente influenciado pelo Craft inglês, foi difundido por Thomas Smith Webb em 1797 nos Estados Unidos, sendo este, o mais praticado por lá. A unificação das Grandes Lojas inglesas em 1813 não influenciou o York Americano, que permanece fiel ao “monitor” idealizado por Webb. Aqui levanta-se a antiga questão entre “antigos” e “modernos”, que rende outro capítulo sobre a origem e consolidação dos ritos.



O único rito nascido exclusivamente francês, mas que se organizou e ganhou força na América do Norte, foi o REAA, em 1801. Foi em solo americano que ele se popularizou e se organizou para uma escala de ordem mundial, pelas mãos de um punhado de maçons liderados por Albert Pike em 1857. Apesar do REAA ter começado a se formar em 1735, promulgou-se apenas em 1801.



Os ritos possuem linhas doutrinárias específicas, próprias. Embora as fundações de cada rito obedeçam à uma receita única, fundamentada em LANDMARKS e regramentos que são gerais (PIKE, MACKEY E FINDEL), cada rito possui uma característica, uma qualidade, e obviamente, seus vícios de origem, afinal, todos foram escritos por maçons oriundos de práticas de outros ritos. E outra observação importante: TODOS os ritualistas, são cristãos.

A maçonaria no Rio Grande do Sul é marcada por uma rica pluralidade ritualística, refletida nas práticas das três potências regulares e reconhecidas no Estado: o Grande Oriente do Brasil (GOB-RS), o Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS) e a Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul (GLMERGS).

Embora as três potências compartilhem os mesmos princípios fundamentais da Maçonaria Universal, a adoção de diferentes ritos as distingue na forma como a liturgia é conduzida, os símbolos são interpretados e a estrutura dos graus é organizada.

- RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO (REAA): Comum a GOB-RS, GORGS e GLMERGS. É o rito mais praticado globalmente e no Brasil. Vale ressaltar que os ritos, embora sob a mesma égide, tem orientações litúrgicas (prática do rito, e ou ritualística) diversificadas dependendo da potência.
- RITO MODERNO (OU FRANCÊS): Praticado pelas três potências. É um rito nascido na Europa (França) com características bastante peculiares.
- RITO ADONHIRAMITA: Praticado pelo GOB-RS e GORGS.
- RITO BRASILEIRO DE MAÇONS ANTIGOS, LIVRES E ACEITOS (RB): Praticado pelo GOB-RS e pelo GORGS.
- RITO DE YORK (EMULAÇÃO): Praticado pelo GOB-RS e pela GLMERGS.
- RITO DE YORK AMERICANO: Praticado pela GLEMERGS e pelo GORGS.
- RITO SCHRÖDER: Praticado pelas três potências. Rito nascido na Alemanha e que pouco ou quase nada variou desde a sua fundação.
- RITO ESCOCÊS RETIFICADO (R.E.R.): Praticado somente pelo GOB-RS. É um dos mais antigos ritos europeus em atividade. Está em fase de implantação no GORGS.
- RITO DE MAÇONS ANTIGOS LIVRES E ACEITOS (M.A.L.A.): Praticado somente pelo GORGS. Basicamente, é o REAA das Grandes Lojas Americanas.

Rito	Origem	Características	Ênfase	Avental
REAA (1801)	França/Escócia (séc. XVIII) 1801	Possui 33 graus. Muito rico em simbologia, misticismo e Altos Graus . Adota a cor púrpura como símbolo do Rito. Tem como principal característica a construção de conhecimento à partir de graus israelito-salomônicos, dos graus 1 ao 3. Dos graus 4 em diante, além das lendas ligadas ao velho testamento, temos passagens que remetem ao novo testamento, culminando com o Templarismo (Graus 30 ao 33).	Evolução moral e filosófica gradual (longa cadeia de graus). É TEÍSTA.	
Moderno (ou Francês) (1773-1786)	França (séc. XVIII)	Baseado na simplificação e racionalização dos ritos. Possui Graus Superiores, chamadas de Ordens. São Nove ordens ao total.	Laicidade , moralidade e engajamento social. (LAICO E ADOGMÁTICO).	
Adonhiramita (1744)	França (séc. XVIII)	Um dos mais complexos e de maior riqueza cênica e ritualística. Possui 12 graus no sistema original, mas no Brasil adota uma estrutura de 33 graus, com grande foco no misticismo. Da mesma maneira que o REAA, culmina com Templarismo.	História, misticismo e um cerimonial elaborado. É TEÍSTA.	
Rito Brasileiro de Maçons Antigos, livres e Aceitos (1878-1914)	Brasil (séc. XX)	Nacionalizado e adaptado à cultura e história brasileira. Possui 33 graus, assim como o REAA. Sua caminhada israelito-Salomônica vai dos graus 1 ao 3. Dos graus 4 ao 33, tem como base a evolução do homem à luz do Iluminismo.	Nacionalismo , filantropia e doutrina social e servil à humanidade. É TEÍSTA.	
Schröder (1801)	Alemanha (séc. XVIII)	Caracterizado pela extrema simplicidade e objetividade . É o mais sóbrio e sem luxos, focado no essencial da maçonaria operativa.	Pureza dos antigos costumes e despojamento cerimonial. CARÁTER TEÍSTA, MAS NÃO DECLARADO.	
York (Emulation) (1816)	Inglaterra/EUA (séc. XVIII)	Conhecido pela rigidez na manutenção das tradições e pela ênfase no Ofício (Craft). Mais direto e menos especulativo que o REAA.	Prática dos antigos Landmarks e tradições operativas. É o ritual adotado pelos "Modernos". TEÍSTA.	

York Americano (1797)	EUA 1797	O Rito de York Americano é frequentemente considerado o mais próximo dos rituais praticados pela “ Grande Loja dos Antigos ” (antes da União de 1813 na Inglaterra). Essa preservação da forma ritualística do <i>Antigo Ofício</i> é uma marca de sua autenticidade histórica. Seu sistema de graus após os simbólicos, tem evolução sistêmica dividida em: Graus Capitulares, Crípticos e de Cavalaria, terminando com o Templarismo. Possui outras ordens aliadas, independentes.	TEÍSTA. É a maçonaria dos antigos, praticada antes de 1813. Preservou práticas e rituais adequados até aquela época.	
Rito Escocês Retificado (RER) (1778)	França- 1778	O Rito Escocês Retificado (RER) é um sistema maçônico e cavaleiresco que se distingue por sua base Cristã e por uma doutrina altamente teosófica e mística , focada na reintegração do ser humano ao seu estado original de perfeição e comunhão divina. O RER exige a profissão de fé Cristã . Possui outras ordens de aperfeiçoamento como as Lojas de MESA (Mestre Escocês de Santo André e os Priorados dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa).	TEÍSTA NA ESSÊNCIA.	
M.A.L.A. (1914)	Brasil, 1914	Possui características semelhantes ao REAA na sua essência. É basicamente o REAA em seus três graus simbólicos, adotado nas Grandes Lojas Americanas. No Brasil, se chama M.A.L.A. Os maçons praticantes do M.A.L.A costumam seguir a sua caminhada fazendo os graus superiores do REAA.	O Rito é regido pelos Antigos Landmarks (antigas regras e costumes imutáveis da Fraternidade), garantindo a sua estabilidade, regularidade e uniformidade essencial através dos séculos e das diversas jurisdições. TEÍSTA.	

IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA RITUALÍSTICA E DA ORGANIZAÇÃO DA LOJA

A prática ritualística é o coração da Maçonaria, sendo fundamental por diversas razões:

- **Transmissão de Conhecimento:** É o veículo pelo qual as alegorias e os símbolos maçônicos, que contêm a filosofia e moral da Ordem, são vivenciados e internalizados pelos Irmãos. O estudo é fundamental, bem como a “repetição” para que os ensinamentos não se percam.
- **União e Identidade:** O ritual padronizado em cada rito cria um forte senso de pertencimento e coesão dentro de cada Loja e Obediência, garantindo que os trabalhos sejam reconhecidos e válidos em qualquer parte do mundo. Em que pese um mesmo rito possa ser praticado de maneira diversa conforme a potência, no caso do REAA, todos tem características semelhantes e base histórica idêntica.
- **Disciplina Mental e Espiritual:** A repetição e a precisão dos movimentos, palavras e paramentos estimulam a concentração, a disciplina e a reflexão moral.

PARA QUE A LITURGIA SEJA EXEMPLAR, A ORGANIZAÇÃO DA LOJA É CRÍTICA, EXIGINDO:

1. **Conhecimento e Domínio do Ritual:** Os Oficiais e Mestres Maçons devem ter um domínio completo dos rituais específicos de seu Rito, atuando como verdadeiros guias na jornada dos Aprendizes e Companheiros. O estudo neste caso, não é mera casualidade, é OBRIGAÇÃO de todos os Mestres.
2. **Preparação e Zelo:** A Loja (o Templo) deve ser preparada com zelo e rigor, com os paramentos, luzes e mobília dispostos exatamente conforme as prescrições do ritual, garantindo a atmosfera sagrada e propícia ao trabalho. Esse é o trabalho fundamental do Arquiteto em TODOS os ritos.
3. **Disciplina e Pontualidade:** O início e o transcorrer dos trabalhos devem seguir estritamente o tempo e a ordem ritualística, reforçando a disciplina e o respeito às normas.
4. **Harmonia e Respeito:** A liturgia só atinge seu objetivo maior quando conduzida em um ambiente de profundo respeito mútuo e silêncio operante, permitindo que a mensagem simbólica seja absorvida. Por isso que as conversas paralelas devem ser evitadas.

Em suma, a pluralidade de ritos no Rio Grande do Sul permite que o maçom escolha o caminho que melhor se alinha à sua busca filosófica, mas a perfeição na execução ritualística e a rigidez na organização da Loja são os pilares que sustentam a validade, a beleza e a profundidade da experiência maçônica, independentemente do Rito praticado.

Nos cabe a salutar curiosidade de estarmos todos sempre investigando as diferentes correntes ritualísticas da maçonaria, visitando as diferentes lojas e ritos, para enriquecer nosso cabedal de conhecimento, bem como nossa cultura e network maçônico.

C.E.M. LUZ DE ALEXANDRIA
Presidente da Comissão
Ir.: Vinicius Bernardi

Membros

Ir.: Daniel Sozo
Ir.: Eduardo Augusto Rocha
Ir.: Alexandre de Lavra Pinto
Ir.: Júlio César Zambiasi
Ir.: Cristian Rizzardi
Ir.: Cristian Cechin Teixeira
Ir.: Ismael de Lucena
Ir.: Diego Monteiro

Expediente:
Redação - Vinicius Bernardi
Diagramação - Júlio César Zambiasi
Logotipo - Gabriel Besteiro